

MELANCOLIA¹

Regene Brito Westphal²

AUTOR CONVIDADO

Resumo

Na medida em que um planeta chamado Melancolia se desloca em direção à Terra, a narrativa fílmica vai revelar uma visão pessimista em relação à sociedade. Mas, meu olhar ao colidir com o olhar contundente da obra, desterritorializa-se, deslocando o pessimismo e a melancolia que se apresentam como sintomas do mal-estar do nosso tempo, para inaugurar outras possibilidades de ver. Se, por um lado, o diretor - Lars Von Trier - expõe a densidade de sentimentos que traduzem as angústias da vida contemporânea, por outro, cuida de emoldurá-los com cenários e sons de infinita beleza, dando-me a certeza de que a Terra não é de todo má e a vida vale a pena. O filme nos convida a pensar a função da educação. Como preparar indivíduos para o enfrentamento da vulnerabilidade da condição humana? Penso que o nosso desafio hoje, é educar para a lucidez, evitando assim a arrogância de acharmos que a vida está dada como verdade pronta e acabada.

Palavras-chave: Mal-estar contemporâneo. Função da educação. Educar para a lucidez.

MELANCHOLY

Abstract

While a planet called Melancholy moves to the earth, the film narrative reveals yours pessimistic view in relation to society. But my gaze when confronted with radical gaze of the film, deterritorializes, moving away from the pessimism and melancholy that present as symptoms of the malaise of our time, inaugurating other possibilities of seeing. If, on the one hand, Lars Von Trier expose the density of feelings that express the anguish of life, on the other, takes care of framing them with scenarios and sounds of infinite beauty, giving me the certainty that the Earth does not all bad and life is worth it. The film invites to think the function of the education. How to prepare individuals to face the vulnerability of the human condition? I think that our challenge today is to educate for lucidity thus avoiding the arrogance of finding that life is given as ready and finished truth.

Keywords: Contemporary malaise. Function of education. Educating for lucidity.

¹ Melancolia34 - Direção: Lars von Trier - Produção: Dinamarca, 2011.

² Mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense e Doutora em Saúde Mental pelo IPUB – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Profissionalmente atuou durante dezoito anos em projetos sociais governamentais e não governamentais e atualmente é professora do curso de Pedagogia do ISERJ – Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro.

Fui assistir *Melancolia* como uma amiga. Ao sairmos impactadas do cinema, caminhando em direção ao metrô, ela falava de suas impressões sobre o filme e em nada elas coincidiam com as minhas. É isso. Cinema é isso. O autor/diretor traduz uma ideia e cada um faz dela o que quer. Aí reina a magia. Cada história e, cada experiência individual dialoga e absorve diferentes dimensões da obra apreciada. Foi assim com o filme *Melancolia*. Enquanto a questão do feminino havia chamado a atenção da minha amiga, eu me identificava com a depressão e a fragilidade humana. Daí a vontade de escrever sobre *Melancolia*.

Escrever sobre um filme traz em primeiro lugar a questão: o que é um filme? Uma obra de arte que muitas vezes serve apenas ao entretenimento, mas por outras, configura construções de imagens, diálogos e sonoridades que refletem questões e anseios compartilhados pelos expectadores. Esta construção mais elaborada e densa é a obra de Lars Von Trier. E, decidir escrever sobre um filme, especialmente desse nível, gera um grande risco para uma pessoa que não é entendedora, apenas admiradora da arte cinematográfica. Afinal, gostar, sensibilizar-se e arriscar análises de uma expressão artística é um direito de qualquer cinéfilo diante de seus filmes escolhidos. Mesmo leigo, como é o meu caso.

Mas vamos à minha viagem...

Melancolia foi a escolha para esse ensaio que espero compartilhar com outros admiradores da obra de Lars Von Trier, do cinema e da vida. Lars Von Trier é uma pessoa polêmica, mas um autor e diretor artisticamente genial. Um conhecedor dos meandros da alma humana que faz um cinema de profundidade existencial e maestria estética.

A escolha desse filme não é isenta de subjetividades pessoais. Num momento da vida em que a depressão se apresenta avassaladora como a de Justine, uma das personagens do filme, um psiquiatra, me diz que ela é um sintoma de saúde. Como assim? Mais ou menos a resposta dele: diante da frágil e adversa existência humana só deprime quem é lúcido. Não sei por que isso me lembrou o confuso, porém lúcido, discurso de *Estamira*, outro filme da minha vida.

No filme, *Melancolia* é um planeta que se desloca lentamente em direção à Terra e sua colisão poderá exterminar definitivamente a humanidade e tudo que a

rodeia. Nesse cenário fictício, lindo e ameaçador, desenrola-se a história de duas irmãs: Justine e Claire.

Claire, bem casada, tem uma vida material e emocional aparentemente estável e prazerosa. Um marido rico, um filho saudável e uma moradia de princesa. Os dois, Claire e John são presos as artimanhas de uma vida estável e pretensamente controlável que seduz e faz crer que nada a abalará. A riqueza acumulada e a relação amorosa oficialmente estabelecida parecem ser o porto seguro do casal. Até que Melancolia se aproxima e os laços se afrouxam, deixando evidente a solidão inerente à condição humana.

Justine, linda e frágil, recebe de sua irmã Claire e seu cunhado John uma cara e sofisticada festa de casamento, na moradia de princesa, que é o pano de fundo da primeira parte do filme.

A festa não é um sucesso. O mestre de cerimônia não esconde a irritação quando os horários e as etapas do casamento são atropelados em função do atraso de Justine e Michael, os noivos. No decorrer da festa os conflitos familiares se explicitam. Pais separados e problemáticos, irmã e cunhado vaidosos e cobradores do evento matrimonial oferecido a Justine demonstram um cotidiano familiar nada confortável. A crise existencial, manifestada pela personagem Justine, questionando seu trabalho, seu patrão, seu noivo Michael, comportando-se desordenadamente na festa, é o prenúncio do que acontecerá na segunda parte do filme: a chegada do Melancolia, ou da depressão.

O casamento de Justine não acontece e o planeta Melancolia se aproxima desvelando todas as fragilidades, não só as de Justine.

Minha viagem sobre o que via me emocionava e eu ia construindo pontes com a vida. Justine me comoveu. Aliás, os personagens sempre me tocam mais que as histórias. Não só aqueles célebres personagens de atores como De Niro, Al Pacino, Dustin Hoffman e outros tantos da bilheteria americana, mas principalmente, aqueles que são humana e sutilmente construídos. Os que não pautam sua construção em habilidades artísticas de talentos já consagrados, mas nos apresentam super atores mundialmente não tão celebrados. Gosto de me surpreender com personagens não tão óbvios, como a viajante de Bagdá Café, a improvável sedutora de Estação Doçura,

o tardiamente socializado de Bad Boy Bubby, e o criativo cozinheiro de Estômago, dentre outros tantos que me encheram a alma de alegria e perplexidade.

Mas, voltando ao Melancolia, me deparei com um retrato da vida real contemporânea em que a depressão assombra a todos. Penso que o Melancolia nos espreita...

Recentemente, em algum programa televisivo vespertino, ouvi a informação, sem atentar aos dados precisos, de que a OMS – Organização Mundial da Saúde tem um prognóstico de aumento absurdo dos casos de depressão para a segunda metade do século XXI. Muito em breve a depressão será um problema de saúde pública. Tive a impressão de que o planeta Melancolia verdadeiramente, não só no filme, se desloca em nossa direção. E por quê?

A hipótese de Maria Rita Khel (2009) é de que as depressões, na contemporaneidade, ocupam o lugar de sinalizador do “mal-estar na civilização” que desde a idade média até o início da modernidade foi ocupado pela melancolia. Para a autora, o aumento contemporâneo das depressões precisa ser entendido como um sintoma social. Embora essa ideia não seja consenso na psicanálise, Khel constrói argumentos que elucidam a vinculação entre os valores da sociedade capitalista e o adoecimento de muitos indivíduos. A depressão é sintoma social porque desfaz, lenta e silenciosamente, a teia de sentidos e de crenças que sustenta e ordena a vida social desta primeira metade do século XXI. Nada fácil tem sido a vida social. Uma sociedade de natureza injusta e excludente em todos os aspectos, não só o econômico, deixa a deriva questões humanas vitais como: identidade, vínculos e pertencimento. A insegurança que permeia as relações pessoais e, também, profissionais, no mundo atual, fragiliza ainda mais essas questões. Com relação à identidade, somos sempre afetados pela impossibilidade do alcance de padrões daquilo que socialmente se considera ideal para a realização do indivíduo. Os padrões de realização são hoje inatingíveis. Padrões de consumo, padrões estéticos, padrões daquilo que consideramos sucesso são sempre desafiadores e impossíveis de realização para a grande maioria da população. Arrisco a dizer que são impossíveis para todos. Essa corrida pelo ideal inatingível de realização gera angústia, frustração e deteriora a serenidade necessária para uma vida plena e emocionalmente satisfatória.

Por outro lado, o individualismo e a competitividade, inerentes à cultura capitalista afrouxa os vínculos e conseqüentemente o sentimento de pertencimento, tão necessários para o equilíbrio emocional de nós, humanos. Esses, dentre outros, são aspectos que justificam a ideia de que em nosso tempo se desfaz a teia de sentidos e de crenças que sustenta e ordena a vida social, como afirma Kehl (2009).

Assistindo ao filme, veio-me à cabeça as análises sociológicas de Bauman (1997) percorrendo sobre as agruras da modernidade líquida. Lendo Kehl e Bauman amplio a minha compreensão sobre a dimensão social dessa doença chamada depressão. Para Bauman (*ibidem*), a depressão é uma condição mental desagradável, aflitiva e incapacitante, mas não é o único sintoma do mal-estar que assalta a nova geração nascida no admirável e líquido mundo moderno. Identifico, em suas análises, as contradições entre o que é essencial para o bem-estar humano e o que o mundo atual nos oferece. O fosso existente entre ambos é o fundo do poço, a depressão. A realização profissional e as relações afetivas são pilares importantes para o equilíbrio existencial de qualquer pessoa e a modernidade líquida tornou frágeis esses pilares. Trabalho insatisfatório e a aridez nas relações familiares e amorosas geram sintomas depressivos. E, torna-se difícil sobreviver, psiquicamente, nesse inevitável mundo novo.

A personagem Justine apresenta esses sintomas. Apesar da competência profissional, apregoadada por seu patrão, presente ao casamento, ela já não vê sentido em permanecer no trabalho e nem na relação com o patrão. Não aceita a promoção anunciada.

Assume um comportamento provocativo, rejeitando os jogos e a pressão do patrão. Rebelar-se, e se demite do lugar que ocupava na agência publicitária. Já não lhe interessam campanhas economicamente bem-sucedidas.

A mãe de Justine ressentida com o erro de seu próprio casamento, passa a festa da filha demonstrando toda a sua reprovção em relação a casamentos. Seu pai apresenta um comportamento inconveniente e machista, referindo-se com um mesmo nome, Betty, à todas as mulheres que o acompanham, inclusive a sua atual esposa. Além disso, foge à solicitação de Justine de permanecer ao lado dela após o desfecho do casamento catástrofe.

Justine, ao contrário de Claire, observa esse adverso entorno que a rodeia, percebe a solidão, a fragilidade e deprime. Justine, com sua depressão, ameaça. Como diz Maria Rita Kehl (2009), ela é a portadora da má notícia da qual ninguém quer saber.

Justine chega na segunda parte do filme para o enfrentamento da colisão do planeta. Chega lenta, quase parada. Sem energia como todos os deprimidos, foi arrancada de sua temporalidade singular, daí sua lentidão, tão incompreensível e irritante para os que convivem com ela (KEHL, 2009, p.18) O deprimido é um estranho e, como diz Bauman (1997, p.27), todas as sociedades produzem estranhos [...] os seres humanos que transgridem os limites se convertem em estranhos. Justine parece estranha. Seu cunhado John não entende. Sua irmã Claire cuida com carinho, mas Justine não reage. A “Tia Invencível”, como a chamava o sobrinho, está destrozada.

Mas o foco da segunda parte do filme não é exatamente a depressão de Justine embora ela chame mais a atenção. O foco é a suposta estabilidade de sua irmã Claire, a que cuida. À medida que a depressão de Justine avança, se aproxima, também, o Melancolia, principal ameaça de Claire. Claire confia no conhecimento científico do marido John, que afirma que não acontecerá a colisão. Afinal, segundo ele, todos os estudos indicam uma probabilidade mínima de que o Melancolia colida com a Terra. Especialmente para aqueles como John e Claire, com uma vida tão perfeita e organizada, essa colisão não ameaça. Ou talvez ameace porque há muito a perder.

Na relação de John e Claire reconheci o feminino mencionado por minha amiga. Claire é a mulher que confia na força e sabedoria do seu homem John. Sua estabilidade e aparente serenidade vêm dessa relação. Claire é a sombra de John, como tantas outras mulheres que desconhecem sua força e se acomodam na socialmente construída potência masculina. E o filme desconstrói mais essa verdade. O conhecimento de John falha, assim como sua potência e coragem. Ao constatar a inevitável colisão de Melancolia John é o primeiro a sair de cena cometendo suicídio com o veneno estrategicamente reservado por sua mulher. Evita o enfrentamento do fim, não só do planeta, mas de sua soberania familiar. A partir daí, Justine protagoniza a força, a coragem e a serenidade diante do inevitável: a finitude. Para ela, não há

nada a perder. Sua lucidez diante da realidade em que vive já lhe fez perder tudo e aí está a sua força para conduzir o desfecho da história: a colisão.

Justine vai gradativamente preparando a irmã: A Terra é má. Não precisamos sentir pena dela. Ninguém sentirá falta dela. Tudo que sei é que a vida na Terra é má. Eu sei das coisas. Sei que estamos sozinhos... Claire ouve calada.

A força de Justine vai crescendo para amparar a angústia de Claire que, ao constatar o suicídio do marido, percebe que a colisão acontecerá e com ela toda a destruição da sua vida perfeita. Claire acompanha a aproximação do Melancolia com o brinquedo/medidor fabricado pelo filho e tenta acalmá-lo ao vê-lo aproximar-se da verdade. Justine aos poucos consegue amenizar o desespero da irmã e enfeita o fim para o sobrinho propondo enfrentar a colisão com a construção de uma caverna mágica. Todos podemos construir uma caverna mágica, nossos refúgios, mesmo diante do fim. Ou não?

Um filme, uma história, muitas reflexões. Não estou segura se foi essa a intenção de Lars Von Trier, mas para mim Melancolia é um retrato preciso de nossa condição no planeta. Todos somos e estamos frágeis e vulneráveis quase o tempo todo. O racionalismo em nada diminuiu essa condição. As mudanças históricas trazem inovações econômicas, políticas, culturais, sociais, mas nenhuma dessas inovações soluciona essa condição de vulnerabilidade, independente do lugar social que ocupamos. Quando chega a “colisão” todos somos atingidos. Os efeitos são para todos.

Além do que aprendi com Khel e Bauman sobre a vida no tempo presente, penso também nas proposições de Morin para a educação do século XXI. Isto porque meu ofício me coloca permanentemente o desafio de pensar sobre: educar para que? Como preparar indivíduos para o enfrentamento dessa vulnerabilidade? Morin (2000) diz que a condição humana deveria ser o objeto essencial de todo ensino (p.15). Diz também, do caráter provisório de todo conhecimento e da importância de armar cada mente no combate vital rumo à lucidez. Acho que é isso. O desafio hoje é educar para a lucidez. Dizer da condição humana de ignorância e vulnerabilidade evitando assim a arrogância de personagens como John, a ingenuidade de Claires e o sofrimento de Justines. É possível ser honesto com a dureza que é enfrentar as vicissitudes da vida

sem negar a beleza que está inserida nessa viagem, independente de quanto ela dure. E, essa beleza é delicadamente retratada em todas as imagens do filme.

Se por um lado Lars Von Trier coloca nas personagens densidade de emoções e de sentimentos que traduzem as angústias da vida, por outro, ele cuida de emoldurá-los com cenários e sons de infinita beleza, dando-me a certeza de que a Terra não é de todo má e a vida vale a pena. Vale à pena porque existe também beleza na possibilidade de encontros que amenizam essas angústias da existência. Encontros com amigos, amores, e com outros que não conhecemos pessoalmente, entretanto os encontramos através da afinidade com suas obras. Gente que está longe, mas que observa e percebe a vida e suas dimensões de forma próxima a nossa.

Aqui apresentei frutos de meu encontro com Lars Von Trier, Bauman, Khel e Morin. Espero que ele prolifere afinidades e acalente a alma de seus leitores, assim como Melancolia acalentou a minha.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas desperdiçadas**. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2004.

_____ **O mal-estar da pós-modernidade**. Jorge Zahar Editor, 1997.

KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão – A atualidade das depressões**. São Paulo, Boitempo Editorial, 2009.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 6ª edição. São Paulo, Cortez Editora, 2000